

RESENHA

Hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 295 páginas. ISBN 978-65-872235-41-7.

Resenhado por Amanda Ribeiro e Ednéia Gonçalves¹
UFOP / ONG Ação Educativa

Recebido em: junho de 2022
Aceito em: setembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.45170

O livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* da intelectual bell hooks foi publicado no Brasil em novembro de 2021 pela editora Elefante. Pouco depois a autora faleceu nos Estados Unidos deixando um incrível legado.

Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança é um conjunto de ensinamentos que contribui para olhar o presente, refletir sobre passado e enfrentar o futuro, como nos ensina o adinkra Sankofa.

No centro das ideias apresentadas na obra reside a possibilidade de transformação das salas de aula em comunidades de resistência às opressões onde, por meio do exercício do mutualismo todos praticam o acolhimento e pertencimento essenciais para a sustentação da capacidade de cultivar esperança, afeto e reconhecimento de um sentido comum na experiência de formação acadêmica.

Nos 16 ensinamentos bell hooks constrói um articulado processo de quebra de paradigmas direcionado à descolonização das mentes e comportamentos impostos por um sistema de regras determinadas por padrões sociais. O contexto é estadunidense, mas as percepções da autora se aplicam a todos os lugares onde há desigualdades de gênero, raça, classe social, e outras.

¹ Amanda Ribeiro é Professora no Estado de São Paulo, Mestre em estudos da linguagem e Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Ednéia Gonçalves é educadora e socióloga, atua como formadora de gestores e professores nas áreas de EJA (educação de jovens e adultos) e Educação e relações étnico-raciais. É coordenadora executiva adjunta da ONG Ação Educativa.

Ao longo dos Ensinamentos bell hooks entrelaça experiências de vida, sala de aula, formação e de permanente confronto com um ambiente acadêmico corporativo tradicional, racista e refratário ao importante legado dos direitos civis para o avanço da teoria crítica de raça.

Expressando sua experiência de sala de aula juntamente dos saberes que adquiriu fora dela, bell hooks (2021) nos ajuda a construir um mapa mental com intuito de expandir mentes e avançar além dos espaços formais de educação em busca de conhecimentos que fortaleçam as comunidades.

Tendo a memória de sua experiência escolar como importante elemento para a crítica da educação derivada do pensamento estadunidense ao que se refere às questões raciais, no *ensinamento 1 – o desejo de aprender*, a autora descreve o impacto da exposição de crianças negras aos valores do patriarcado racista, capitalista e imperialista preponderantes na escola e na grande mídia durante sua formação escolar e ao longo do processo de construção de uma contra narrativa de confronto a esse pensamento e seus efeitos.

No *ensinamento 8 – superando a vergonha*, ela alerta para uma dimensão devastadora dessa experiência: os sentimentos e percepções potencialmente destrutivas da continuidade do sucesso acadêmico de estudantes com potenciais evidentes em suas comunidades de origem durante a formação básica, que no entanto são invisibilizados ou humilhados no ensino superior, experiência vivida por hooks na transição entre a escola segregada onde suas qualidades eram exaltadas e o ensino superior onde sua capacidade de sucesso era questionada. “*No ambiente segregado do qual vim, fui reconhecida como uma boa escritora. Imagine então minha sensação de perplexidade quando, em ambientes brancos, professores e professoras me perguntavam:*

alguém ajudou você a escrever esse artigo: Contrariando a noção de que nós, pessoas negras, estamos sempre com nosso detector de racismo ativado (como detectores de metal), comecei a faculdade plenamente convicta de que meus professores acreditavam em minha capacidade de aprender. (hooks, *Ensinamento 8*, 2021, p. 163).

Como reação a esse quadro, a autora reverencia o princípio da educação como prática da liberdade em Paulo Freire. Em comum nos ensinamentos residem exemplos e situações de produção epistêmica nos espaços formais (sala de aula, cursos.) e não formais de educação (espaços de diálogo, conversas cotidianas). Detalhadas com riqueza de caminhos as “*herstory*²” - em tradução livre: história dela, ou própria história - de hooks (2021) demonstram os aprendizados de uma intelectual dissidente com vivências espetaculares e movimentações em escala mundial que articulam imaginação e ação.

² O termo *herstory*, criado pela teórica feminista e poeta Robin Morgan, diz respeito à proposta de descrever a história sob perspectiva das mulheres. (hooks, 2021, p. 37).

Ao ler as orientações que vão seguindo um raciocínio entre um capítulo e outro há um convite à todes para crerem que a contribuição que podemos trazer para a *práxis* da pedagogia da esperança é a criação de contextos para verdade e para justiça, principalmente como educadores em sala de aula.

Outros ensinamentos como o 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14 e 15 carregam reflexões ancestrais que remetem, por exemplo, a uma cultura africana chamada SAWABONA SHIKOBA que significa “EU SOU BOM”, partindo da dignidade da pessoa humana como forma relacional de interdependência necessária – “*todos esses movimentos incríveis por justiça social tiveram êxito quando evocaram uma ética de amor arraigada no acolhimento do espírito*” (hooks, 2021, p. 273), mesmo princípios que fundamentam a pedagogia da esperança construída em comunidade.

Em *Conversa sobre raça e racismo*, ensinamento 3, bell hooks reflete sobre a extensão do desafio enfrentado por estudantes e professores antirracistas que, como ela, se dedicaram a confrontar o pensamento supremacista branco preponderante na sociedade contemporânea plantando reação diante de sua repercussão no ambiente acadêmico.

Dialogando com estas experiências a autora revisita nessa obra os valores antirracistas que estruturaram sua trajetória pessoal e profissional e a pedagogia engajada que construiu em sua longa carreira como intelectual. No centro das ideias apresentadas em *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* reside a possibilidade de transformação das salas de aula em comunidades de resistência às opressões onde, por meio do exercício do mutualismo, se pratica o acolhimento e pertencimento, aspectos essenciais para a sustentação da possibilidade de cultivar esperança, afeto e reconhecimento de um sentido comum na experiência de formação acadêmica, na e para a vida.

No ensinamento seis “*A consciência sobre os modos como o pensamento supremacista branco permeia nossa cultura, apesar das conquistas na área dos direitos civis, tem ajudado educadores diligentes de todas as raças a reconhecer a importância de se esforçar para desaprender o racismo. Esse é o trabalho que nos prepara para a educação como prática da liberdade.*”. (Ensinamento 6 - padrões – p. 127).

bell hooks apresenta o espaço escolar como ambiente privilegiado de aprendizado e exercício do pensamento crítico por meio da resistência à subordinação. O processo de construção deste ambiente onde estudantes exercitam a criticidade e se tornam capazes de compreender, dialogar e reagir às proposições de professores moldados pelo pensamento racista branco depende da transformação radical dos fundamentos tradicionais que assentam os sistemas de ensino e as práticas educacionais.

Essa sala de aula se configura também como espaço de conexão entre a educação escolar e um território que extrapola a formação acadêmica para encontrar na humanização e no amor à

esperança. Nesse esperar, a autora assenta os fundamentos para sustentação das comunidades educativas e de reexistência.

A pedagogia descrita nos 16 ensinamentos do livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, experimentada por hooks ao longo de décadas de atuação como palestrante, pesquisadora e professora, indica o rompimento com a cultura da dominação e o exercício educação como prática da liberdade

A realidade educacional brasileira segue tradicionalista, moralista e racista nos trazendo grandes desafios. Nas salas de aulas da educação de base de escolas públicas temos um recorde de alunos desinteressados pelos conteúdos disponibilizados por um sistema que privilegia narrativas e dita conteúdos tradicionais que têm pouco ou nada a ver com a realidade que os estudantes realmente vivem. Paulo Freire, bem como outros autores e autoras do Brasil teoricamente criaram caminhos para pensarmos possibilidades - não estas que estão implementadas e repetidas tradicionalmente - que se infiltram nos espaços de educação com intuito de abordar conteúdos e vivências que tenham relação com cada contexto que os alunos vivem e partir dos saberes produzidos em ambientes não escolares.

O objetivo do livro é resgatar a autonomia dos professores em sala de aula em busca de uma educação democrática que tem como cerne resgatar o espírito de comunidade para mantermos vivos o desejo de lecionar e o desejo de aprender. Para tanto, é necessário que estejamos atentas e atentos ao poder de nosso imaginário de criar um futuro melhor sem perder a conexão com o passado utilizando nossa imaginação como profecia de nossas realidades, vivendo-as antes que aconteçam e incorporando nossos sonhos em ações concretas, porque nosso lugar no mundo está em constante movimentação, mas precisamos aprender a estar presentes no agora e criando novas possibilidades de caminhos.

Ensinando Comunidade uma pedagogia da esperança é um livro indicado e recomendado para todos que trabalham diretamente com o desafio de educar pessoas. Ensinar aos estudantes que o presente é algo significativo e despertar a vontade de compreenderem o aprendizado como uma arte e não como mera projeção do futuro se torna necessário. Incluir amor no ensino também faz parte desse apanhado de ensinamentos que a autora nos traz, porque o amor na sala de aula abre a mente de docentes e estudantes para pedagogia da esperança, o amor sempre será transformador.

REFERÊNCIAS

- hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.
- TIMOTEO, Manuel Sebastião. **Sawabona shikoba** - “eu sou bom”. *RJLB*, Ano 2, nº 1, 2016. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2016/1/2016_01_1563_1592.pdf